

**BRÁS, BEXIGA
E BARRA FUNDA**

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

**ANTÔNIO DE ALCÂNTARA
MACHADO**



**CLÁSSICOS
SARAIVA**

Prêmio internacional HOW Design Annual — 2010
para as capas da coleção. *How Magazine* é
renomada revista americana de design gráfico

Prêmio internacional AIGA 50 Books/50Covers — 2008
para o projeto gráfico da coleção pelo
American Institute of Graphic Arts (AIGA)

1ª edição

Conforme a nova ortografia

**BRÁS, BEXIGA
E BARRA FUNDA**
NOTÍCIAS DE SÃO PAULO
**ANTÔNIO DE ALCÂNTARA
MACHADO**

 **Editora
Saraiva**

 **CLÁSSICOS
SARAIVA**

Gerente editorial

Rogério Gastaldo

Coordenação editorial e de produção

Edições Jogo de Amarelinha

Editora-assistente

Solange Mingorance

Projeto gráfico, capa e edição de arte

Rex Design

Ilustração da capa

Carvall

Diagramação

Rex Design

Cotejo de originais

Viviane Teixeira Mendes

Revisão

Miriam de Carvalho Abões, Denise Dognini e Fernanda Magalhães

Elaboração *Diários de um Clássico e Contextualização Histórica*

Luiz Ribeiro e Sidnei Xavier dos Santos

Elaboração *Suplemento de Atividades*

Rita Narciso Kawamata e Sidnei Xavier dos Santos

Elaboração *Entrevista Imaginária e Projeto Leitura e Didatização*

Davi Fazzolari

Impressão e acabamento

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Machado, Antônio de Alcântara
Brás, Bexiga e Barra Funda : notícias de
São Paulo / Antônio de Alcântara Machado. --
São Paulo : Saraiva, 2009. -- (Clássicos Saraiva)

Suplementado por caderno de atividades.

Suplementado por roteiro do professor

ISBN 978-85-02-07943-4

1. Contos brasileiros I. Título. II. Série.

09-04448

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.93

6ª tiragem, 2017

© Editora Saraiva, 2009

SARAIVA Educação Ltda.

Av. das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.editorasaraiva.com.br

CL:810012

CAE: 571317

Caro leitor,

Durante todo o ensino fundamental, o estudante terá percorrido oito ou nove anos de leitura de textos variados. Ao chegar ao ensino médio, ele passa a ter contato com o estudo sistematizado de Literatura Brasileira. Nesse sentido, aprende a situar autores e obras na linha do tempo, a identificar a estética literária a que pertencem etc. Mas não passa, necessariamente, a ler mais.

É tempo de repensar esse caminho. É hora de propor novos rumos à leitura e à forma como se lê. Os **CLÁSSICOS SARAIVA** pretendem oferecer ao estudante e ao professor uma gama de opções de leitura que proporcione um modo de organizar o trabalho de formação de leitores competentes, de consolidação de hábitos de leitura e também de preparação para o vestibular e para a vida adulta. Apresentando obras clássicas da literatura brasileira, portuguesa e universal, oferecemos a possibilidade de estabelecer um diálogo entre autores, entre obras, entre estilos, entre tempos diferentes.

Afinal, por que não promover diálogos internos na literatura e também com outras artes e linguagens? Veja o que nos diz o professor William Cereja: “A literatura é um fenômeno artístico e cultural vivo, dinâmico, complexo, que não caminha de forma linear e isolada. Os diálogos que ocorrem em seu interior transcendem fronteiras geográficas e linguísticas. Ora, se o percurso da própria literatura está cheio de rupturas, retomadas e saltos, por que o professor, prendendo-se à rigidez da cronologia histórica, deveria engessá-la?”.

Esperamos oferecer ao jovem leitor e ao público em geral um panorama de obras de leitura fundamental para a formação de um cidadão consciente e bem-preparado para o mundo do século XXI. Para tanto, além da seleção de textos de grande valor da literatura brasileira, portuguesa e universal, os **CLÁSSICOS SARAIVA** apresentam, ao final de cada livro, os **DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO** – um panorama do autor, de sua obra, de sua linguagem e estilo, do mundo em que viveu e muito mais. Além disso, oferecemos um painel de textos para a **CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA** – contextos históricos, sociais e culturais relacionados ao período literário em que a obra floresceu. Por fim, oferecemos uma **ENTREVISTA IMAGINÁRIA** com o Autor – uma conversa fictícia com o escritor em algum momento-chave de sua vida.

Desejamos que você, caríssimo leitor, desfrute do prazer da leitura. Faça uma boa viagem!

SUMÁRIO

BRÁS, BEXIGA E BARRA FUNDA

DEDICATÓRIA	8
ARTIGO DE FUNDO	11
GAETANINHO	14
CARMELA	17
TIRO DE GUERRA N.º 35	22
AMOR E SANGUE	27
A SOCIEDADE	30
LISETTA	34
CORINTHIANS (2) VS. PALESTRA (1)	37
NOTAS BIOGRÁFICAS DO NOVO DEPUTADO	41
O MONSTRO DE RODAS	45
ARMAZÉM PROGRESSO DE SÃO PAULO	48
NACIONALIDADE	52
DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO	57
CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	73
ENTREVISTA IMAGINÁRIA	81



À memória
de
LEMMO LEMMI
(VOLTOLINO)¹
e ao triunfo dos novos mamalucos²

ALFREDO MARIO GUASTINI
VICENTE RAO
ANTÓNIO AUGUSTO COVELLO
PAULO MENOTTI DEL PICCHIA
NICOLAU NASO
FLAMÍNIO FAVERO
VICTOR BRECHERET
ANITA MALFATTI
MARIO GRACIOTTI

CONDE FRANCISCO MATARAZZO JÚNIOR
FRANCISCO PATI
SUD MENUCCI
FRANCISCO MIGNONE
MENOTTI SAINATTI
HERIBALDO SICILIANO
TERESA DI MARZO
BIANCO SPARTACO GAMBINI
ÍTALO HUGO

¹ *Voltolino*: pseudônimo artístico do caricaturista que contribuiu, no início do século XX, em diversas publicações ítalo-brasileiras.

² *Mamalucos*: variante de “mamelucos”: mestiços.

SAN VINCENZO È L'VLTIMA COLONIA DE' PORTOGHESI: E
PERCHE È IN VN PAESE LONTANISSIMO, VI SI SOGLIONO
CONDENNARE QUEI, CHE IN PORTOGALLO HANNO
MERITATO LA GALERA, Ò COSE TALI.

GIOVANNI BOTERO. *Le relatione
universali*. In Brescia. 1595.

ESTA É A PÁTRIA DOS NOSSOS DESCENDENTES.

CONDE FRANCISCO MATARAZZO³.
Discurso de saudação ao Dr. Washington Luís⁴.
São Paulo. 1926.

³ *Conde Francisco Matarazzo*: imigrante italiano fundador de grande complexo industrial. Casado com Filomena Sansivieri, teve filhos que se uniram a paulistas tradicionais, iniciando a mistura de ligações que formam a população da cidade de São Paulo.

⁴ *Washington Luís*: carioca, fez carreira política em São Paulo. Foi o último sucessor da política "Café com leite", eleito presidente do Brasil, em 1926, por 98% dos votos conquistados graças à máquina política implantada pelas oligarquias nacionais.



ARTIGO DE FUNDO

Assim como quem nasce homem de bem deve ter a frente altiva, quem nasce jornal deve ter artigo de fundo. A fachada explica o resto.

Este livro não nasceu livro: nasceu jornal. Estes contos não nasceram contos: nasceram notícias. E este prefácio portanto também não nasceu prefácio: nasceu artigo de fundo.

Brás, Bexiga e Barra Funda é o órgão dos ítalo-brasileiros de São Paulo.

Durante muito tempo a nacionalidade viveu da mescla de três raças que os poetas xingaram de tristes: as três raças tristes.

A primeira, as caravelas descobridoras encontraram aqui comendo gente e desdenhosa de “mostrar suas vergonhas”. A segunda veio nas caravelas. Logo os machos sacudidos⁶ desta se enamoraram das moças “bem gentis” daquela, que tinham cabelos “mui pretos, compridos pelas espádoas”⁷.

E nasceram os primeiros mamalucos.

A terceira veio nos porões dos navios negreiros trabalhar o solo e servir a gente. Trazendo outras moças gentis, mucamas, mucambas, mumbandas, macumas⁸.

E nasceram os segundos mamalucos.

E os mamalucos das duas fornadas deram o empurrão inicial no Brasil. O colosso começou a rolar.

Então os transatlânticos trouxeram da Europa outras raças aventureiras. Entre elas uma alegre que pisou na terra paulista cantando e na terra brotou e se alastrou como aquela planta também imigrante que há duzentos anos veio fundar a riqueza brasileira.

Do consórcio da gente imigrante com o ambiente, do consórcio da gente imigrante com a indígena nasceram os novos mamalucos.

⁵ *Mostrar suas vergonhas*: mostrar-se natural, indiferente com a nudez do corpo.

⁶ *Machos sacudidos*: citação literal da *Carta de Pero Vaz de Caminha* que faz referência a dois degredados deixados no Brasil que, quando deportados, fizeram muita festa com os primeiros índios contatados.

⁷ *Espádoas*: forma antiga de “espáduas”: ombros.

⁸ *Macumas*: formas como eram chamadas as negras africanas escravizadas.

Nasceram os intalianinhos⁹.
O Gaetaninho.
A Carmela.
Brasileiros e paulistas. Até bandeirantes.
E o colosso continuou rolando.

No começo a arrogância indígena perguntou meio zangada:

*Carcamano*¹⁰ pé de chumbo
Calcanhar de frigideira
Quem te deu a confiança
De casar com brasileira?

O pé de chumbo poderia responder tirando o cachimbo da boca e cuspidando de lado: A brasileira, *per Bacco!*

Mas não disse nada. Adaptou-se. Trabalhou. Integrou-se. Prosperou.

E o negro violeiro cantou assim:

Italiano grita
Brasileiro fala
Viva o Brasil
E a bandeira da Itália!

12

Brás, Bexiga e Barra Funda, como membro da livre imprensa que é, tenta fixar tão somente alguns aspectos da vida trabalhadeira, íntima e cotidiana desses novos mestiços nacionais e nacionalistas. É um jornal. Mais nada. Notícia. Só. Não tem partido nem ideal. Não comenta. Não discute. Não aprofunda.

Principalmente não aprofunda. Em suas colunas não se encontra uma única linha de doutrina. Tudo são fatos diversos. Acontecimentos de crônica urbana. Episódios de rua. O aspecto étnico-social dessa novíssima raça de gigantes encontrará amanhã o seu historiador. E será então analisado e pesado num livro.

Brás, Bexiga e Barra Funda não é um livro.

Inscrevendo em sua coluna de honra os nomes de alguns ítalo-brasileiros ilustres este jornal rende uma homenagem à força e às virtudes da nova fornada mamaluca. São nomes de literatos, jornalistas

⁹ *Intalianinhos*: maneira como os italianos falavam de sua origem.

¹⁰ *Carcamano*: termo pejorativo que nomeia os italianos; procede da denominação do vendedor ambulante que, para obter mais lucro, alterava com a mão o marcador da balança.

tas, cientistas, políticos, esportistas, artistas e industriais. Todos eles figuram entre os que impulsionam e nobilitam neste momento a vida espiritual e material de São Paulo.

Brás, Bexiga e Barra Funda não é uma sátira.

A REDAÇÃO

GAETANINHO

– Xi, Gaetaninho, como é bom!

Gaetaninho ficou banzando¹¹ bem no meio da rua. O Ford quase o derrubou e ele não viu o Ford. O carroceiro disse um palavrão e ele não ouviu o palavrão.

– Eh! Gaetaninho! Vem pra dentro.

Grito materno sim: até filho surdo escuta. Virou o rosto tão feio de sardento, viu a mãe e viu o chinelo.

– *Subito*¹²!

Foi-se chegando devagarinho, devagarinho. Fazendo beicinho. Estudando o terreno. Diante da mãe e do chinelo parou. Balançou o corpo. Recurso de campeão de futebol. Fingiu tomar a direita. Mas deu meia-volta instantânea e varou pela esquerda porta adentro.

Eta salame¹³ de mestre!

Ali na Rua Oriente¹⁴ a ralé quando muito andava de bonde. De automóvel ou carro só mesmo em dia de enterro. De enterro ou de casamento. Por isso mesmo o sonho de Gaetaninho era de realização muito difícil. Um sonho.

O Beppino por exemplo. O Beppino naquela tarde atravessara de carro a cidade. Mas como? Atrás da tia Peronetta que se mudava para o Araçá¹⁵. Assim também não era vantagem.

Mas se era o único meio? Paciência.

Gaetaninho enfiou a cabeça embaixo do travesseiro. Que beleza, rapaz! Na frente quatro cavalos pretos empenachados levavam

¹¹ *Ficou banzando*: ficou tonto, surpreendeu-se com o veículo.

¹² *Subito*: tradução do termo em italiano: *já estou indo*.

¹³ *Salame*: gíria de futebol dos anos 1920, que significa *drible*.

¹⁴ *Rua Oriente*: rua do bairro paulistano do Brás, onde havia uma grande colônia de italianos.

¹⁵ *Araçá*: nome de um cemitério da cidade de São Paulo. Conferir nota da página 67.

a tia Filomena para o cemitério. Depois o padre. Depois o Savério noivo dela de lenço nos olhos. Depois ele. Na boleia do carro. Ao lado do cocheiro. Com a roupa marinheira e o gorro branco onde se lia: ENCOURAÇADO SÃO PAULO. Não. Ficava mais bonito de roupa marinheira mas com a palhetinha nova que o irmão lhe trouxera da fábrica. E ligas pretas segurando as meias. Que beleza, rapaz! Dentro do carro do pai, os dois irmãos mais velhos (um de gravata vermelha, outro de gravata verde) e o padrinho Seu Salomone. Muita gente nas calçadas, nas portas e nas janelas dos palacetes, vendo o enterro. Sobretudo admirando o Gaetaninho.

Mas Gaetaninho ainda não estava satisfeito. Queria ir carregando o chicote. O desgraçado do cocheiro não queria deixar. Nem por um instantinho só.

Gaetaninho ia berrar mas a tia Filomena com a mania de cantar o “Ahi, Mari¹⁶!” todas as manhãs o acordou.

Primeiro ficou desapontado. Depois quase chorou de ódio.

Tia Filomena teve um ataque de nervos quando soube do sonho de Gaetaninho. Tão forte que ele sentiu remorsos. E para sossego da família alarmada com o agouro tratou logo de substituir a tia por outra pessoa numa nova versão de seu sonho. Matutou, matutou, e escolheu o acendedor da Companhia de Gás, Seu Rubino, que uma vez lhe deu um *cocre* danado de dóido.

Os irmãos (esses) quando souberam da história resolveram arriscar de sociedade quinhentão no elefante. Deu a vaca. E eles ficaram loucos de raiva por não haverem logo adivinhado que não podia deixar de dar a vaca mesmo.

O jogo na calçada parecia de vida ou morte. Muito embora Gaetaninho não estava ligando.

– Você conhecia o pai do Afonso, Beppino?

– Meu pai deu uma vez na cara dele.

– Então você não vai amanhã no enterro. Eu vou!

O Vicente protestou indignado:

– Assim não jogo mais! O Gaetaninho está atrapalhando!

Gaetaninho voltou para o seu posto de guardião. Tão cheio de responsabilidades.

O Nino veio correndo com a bolinha de meia. Chegou bem perto. Com o tronco arqueado, as pernas dobradas, os braços estendidos, as mãos abertas, Gaetaninho ficou pronto para a defesa.

¹⁶ *Ahi, Mari!*: canção popular napolitana; indica a região italiana de procedência da família pobre.

– Passa pro Beppino!

Beppino deu dois passos e meteu o pé na bola. Com todo o muque. Ela cobriu o guarda-ão sardento e foi parar no meio da rua.

– Vá dar tiro no inferno!

– Cala a boca, palestrino!

– Traga a bola!

Gaetaninho saiu correndo. Antes de alcançar a bola um bonde o pegou. Pegou e matou.

No bonde vinha o pai do Gaetaninho.

A gurizada assustada espalhou a notícia na noite.

– Sabe o Gaetaninho?

– Que é que tem?

– Amassou o bonde!

A vizinhança limpou com benzina suas roupas domingueiras.

Às dezesseis horas do dia seguinte saiu um enterro da Rua Oriente e Gaetaninho não ia na boleia de nenhum dos carros do acompanhamento. Ia no da frente dentro de um caixão fechado com flores pobres por cima. Vestia a roupa marinheira, tinha as ligas, mas não levava a palhetinha.

Quem na boleia de um dos carros do cortejo mirim exibia soberbo terno vermelho que feria a vista da gente era o Beppino.